



ABORDAGEM RELACIONAL DA FAMÍLIA

João Carlos Petrini¹
Lúcia Vaz de Campos Moreira²
Francisco de Barros Barbosa³
Ariane Vieira Leite⁴
Vânia Maria Picanço de Almeida⁵
Janaína Muniz da Silva⁶
Larissa Silva Alves⁷

RESUMO: *O presente artigo apresenta ideias importantes sobre a “Abordagem Relacional da Família” elaborada por Pierpaolo Donati. Ele é professor titular da cadeira de Sociologia da Universidade de Bologna, autor de mais de sessenta livros e de centenas de artigos publicados em revistas acadêmicas do mundo inteiro, inclusive no Brasil.*

Palavras-chave: Família; Abordagem Relacional da Família; Donati

INTRODUÇÃO

A família encontra-se, especialmente nestas últimas décadas, em constante mudança, por participar dos dinamismos próprios das relações sociais. Integrada no processo social, ela passa por transformações significativas. Em meio a turbulências culturais e sociais, a família empenha-se em reorganizar aspectos da sua realidade que o ambiente sócio cultural vai alterando. Reagindo aos condicionamentos externos e, ao mesmo tempo, adaptando-se a eles, a família encontra novas formas de estruturação que, de alguma maneira, a reconstituem (DONATI & SCABINI, 1995; DONATI, 1998a).

A partir dos anos 80, inicialmente na Europa e nos Estados Unidos e, em seguida, em todo o mundo, começaram a se multiplicar estudos sobre a família. Na maior parte deles dói destacada a relevância desta instituição, considerada funcional ao bem-estar das pessoas e ao bom êxito da socialização e da educação das novas gerações. Muitos estudos estavam centrados na análise das funções da família, reconhecida como relevante para o desenvolvimento das pessoas nas diversas etapas e circunstâncias de suas existências. Mas, quase sempre, eles perderam de vista aspectos significativos da realidade familiar pela falta de instrumentos de análise adequados para apreender o que estivesse fora dos esquemas. Com efeito, a família tem um caráter supra-funcional, adverte Donati. Ela não existe para satisfazer algumas funções

¹ Doutor em Ciências Sociais (PUC-SP). Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea (UCSal).

² Doutora em Psicologia (USP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea (UCSal).

³ Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma). Professor da Faculdade de Teologia (UCSal).

⁴ Mestre em Família na Sociedade Contemporânea (UCSal).

⁵ Mestranda em Família na Sociedade Contemporânea (UCSal).

⁶ Graduanda em Direito (UCSal). Bolsista de iniciação científica pela FAPESB.

⁷ Graduanda em Direito (UCSal). Bolsista de iniciação científica pela FAPESB.



sociais e sim um leque potencialmente indefinido, pois a família é uma *relação social plena*, ou seja, implica todas as dimensões da existência humana (DONATI, 2008).

Com o crescimento da sociedade funcionalmente organizada, muitas atribuições anteriormente reservadas à família passaram a ser desempenhadas por outras agências, públicas ou privadas. Era inevitável que, por causa desse processo, a família aparecesse como depauperada, quase evanescente. Com efeito, a tarefa educativa, a socialização das crianças, os cuidados com a saúde e com o desenvolvimento físico e psíquico, são cada vez mais realizadas pelo Estado ou por agências privadas por causa da menor disponibilidade de tempo dos pais, devido à dedicação, tanto do homem como da mulher, ao trabalho fora de casa. Além disso, essas agências oferecem serviços sempre mais especializados, de modo que, diante de uma abordagem profissional dos problemas e das tarefas domésticos, a família recua. Até a sua função mais própria, como a de procriar, pode ser, atualmente, desempenhada por laboratórios de fecundação assistida, sem a necessidade de relação sexual entre o homem e a mulher. E é anunciado como próximo o momento em que será possível realizar a procriação por meio da clonagem, sem o concurso do elemento masculino para fecundar o elemento feminino. Nesse horizonte, o pesquisador acaba por não mais encontrar o seu objeto de estudo, a família, que vai dissolvendo-se diante dos seus olhos. No entanto, ela existe e sempre mais emerge como a realidade fundamental para o delineamento da identidade humana e social, tanto é verdade que o símbolo da família é dos mais fortes, estáveis e relevantes no tempo da vida social, desde o início da história humana até hoje (DONATI, 2008).

Outras abordagens tiveram grande difusão e influência no mundo acadêmico. Algumas se tornaram obsoletas e foram sendo abandonadas, outras evidenciam aspectos importantes mas, quase sempre, parciais da realidade. Este é o parecer de Donati que apresenta criticamente pelo menos dez diferentes abordagens sociológicas da família antes de anunciar a virada relacional (DONATI, 1998a). Não podendo analisar cada autor ou corrente de pensamento, é apresentado o exemplo de Luhmann (1988) que Donati considera importante para evitar “coisificar” a família, para apreendê-la como relação social. Mas os estudos de Luhmann mostram outras dificuldades. Donati (2008) afirma que se pode chegar ao ponto de dissolver o próprio objeto de pesquisa (a família) entendendo-a como pura comunicação ou pura convenção social, resolvendo-a numa realidade abstrata e totalmente contingente.

Apesar dos limites que podem ser encontrados nas diversas abordagens desenvolvidas nas últimas décadas, aumentou o número de pesquisadores que convergem no entendimento da família como relação de plena reciprocidade entre os gêneros e entre as gerações, ainda que com variações nas diversas formulações. Quando a família não vive relações de reciprocidade plena e favorece o individualismo em lugar de fortalecer a solidariedade social, quando não é valorizada a cooperação entre os sexos e entre as gerações, a coletividade deve fazer-se cargo de tarefas que, em outras circunstâncias, as famílias assumiriam para si, aumentando consideravelmente a despesa pública. Além disso, o conflito e a violência na convivência social podem crescer nesse ambiente.

Também no Brasil, nos últimos anos, aumentou o número de pesquisadores e de grupos de pesquisa que investigam a família. Desses estudos emerge a complexidade do tema, devido à pluralidade de aspectos que nele convergem. As diversas disciplinas, assim como elas se constituíram na tradição acadêmica partilhada pela comunidade científica, apresentam limites e não conseguem dar conta da totalidade dos fatores que entram em jogo, tendo-se como



consequência uma leitura redutiva da família. Por causa disso, estão aumentando grupos de pesquisa interdisciplinares, em busca de uma visão mais abrangente, pelo diálogo entre dois ou mais enfoques disciplinares. Esses estudos tentam superar as limitações e começam a dar alguns resultados interessantes, restando, todavia um longo caminho a percorrer.

Ainda cabe observar que o ritmo vertiginoso das mudanças sociais e culturais que se refletem na organização e na convivência familiar dá origem a situações para as quais, muitas vezes, faltam categorias de análise adequadas para apreender aspectos novos dessa realidade. É o caso, por exemplo, da diferença de gênero (DONATI, 1998a). “A situação atual caracteriza-se por ampliar as margens de indeterminação, (...) de modo que a definição de gênero se conota por limites culturais não precisados, (...) por interpretações subjetivas que admitem um amplo espectro de variabilidade” (DONATI, 1998a, p.129).

Uma leitura da diferença/identidade entre os gêneros em chave de emancipação da mulher tende a enfatizar os sinais da igualdade. Mas pode ocorrer que, por esse caminho, não seja apreendida a realidade da forma como efetivamente ela se dá. É verdade que há uma significativa tendência na cultura contemporânea a dissolver as diferenças de gênero, particularmente forte nos meios de comunicação e em algumas instituições como a escola e o mercado do *unissex*, mas é verdade também que crianças, adolescentes e adultos recriam espontaneamente, em seus jogos e em suas relações, novas formas de diferenciação, muitas vezes não vistas, não observadas, por inadequação do instrumental de análise disponível.

A moda masculina se feminiliza e a feminina se masculiniza. Pode-se chegar a teorizar que os limites são progressivamente anulados. Mas a realidade não confirma essa interpretação. “Em muitos aspectos ou âmbitos da vida, a diferença de gênero não somente permanece, mas se regenera” (DONATI, 1998a, p. 132). Ele dá o exemplo da criação de clubes e de outros serviços abertos com exclusividade às mulheres. E comenta: “o que distingue um gênero do outro não é mais confiado à adesão a modelos de conformidade social, (...). A distinção de gênero torna-se mais individualizada”. (Ibidem, p. 133). A esse respeito, Donati afirma: “Não temos um código simbólico apto para tratar o jogo das diferenças de gênero em condições de elevada complexidade” (Ibidem, p. 135).

Por outro lado, não deve ser subestimada a afirmação de Giddens quando disse que a família emerge como “o local para as lutas entre a tradição e a modernidade, mas também uma metáfora para elas” (GIDDENS, 2000, p. 63). As exigências da luta cultural podem ofuscar, às vezes, a observação atenta e desapaixonada da realidade.

Nesse contexto, o ambiente acadêmico brasileiro está fazendo um grande esforço para superar as dificuldades e oferecer estudos que ajudem a compreender a família e as mudanças que nela se verificam. Uma grande parte dos estudos em família realizam pesquisas interessantes que estão contribuindo de maneira substantiva para a compreensão dessa realidade, com reflexos positivos em algumas políticas públicas, estas sim, ainda excessivamente tímidas. Outros estudos tratam de aspectos limitados, de acordo com as possibilidades metodológicas das abordagens adotadas, ou problemas periféricos ao objeto em tela. Afirma-se, às vezes, uma atitude pragmática, voltada a realizar pesquisas empíricas, tendo como objeto fenômenos específicos de nível local ou regional, numa espécie de renúncia tácita a enfrentar os desafios para buscar uma teoria da família que supere a fragmentação atual. Em alguns casos, parece que um horizonte



unitário deva ser encontrado na contraposição, mais aberta ou velada, com um modelo de família considerado ideal ou normativo, posto em discussão e rejeitado.

ABORDAGEM RELACIONAL DA FAMÍLIA

Donati elaborou um novo paradigma que denominou de “relacional” para compreender os fenômenos da sociedade. Esta abordagem revela-se fecunda no estudo de diferentes subsistemas da sociedade complexa, tendo já apresentado resultados especialmente significativos nas pesquisas em família, bem como na intervenção de operadores sociais nesse campo. A abordagem relacional procura definir família através da compreensão menos reduitiva possível do modo de ser de uma relação social que é feita de referências simbólicas e de vínculos estruturais os quais dão vida a um fenômeno emergente que tem propriedades distintas (DONATI, 2008).

Donati (2008) toma como chave interpretativa de toda a realidade social, nos seus diversos aspectos e dimensões, a relação social. O foco desta abordagem consiste em privilegiar as relações sociais, que devem ser analisadas, interpretadas e gerenciadas para compreender em profundidade os fenômenos sociais e apreender os aspectos humanos mais significativos presentes no social, discernindo, inclusive, o que torna o social des-humano ou não humano. Nesse sentido, a análise relacional não centra sua atenção nos indivíduos, nos mecanismos, nas instituições, nas estruturas, considerados como objetos, como “coisas”, mas nas relações sociais que se estabelecem entre sujeitos humanos ao interagir nas diversas circunstâncias da vida social.

A abordagem relacional analisa e interpreta os aspectos invisíveis mas extremamente reais que ligam as pessoas para cooperar ou para entrar em conflito em sua convivência social. Recusa o individualismo metodológico, bem como o holismo metodológico, considerando que estes tipos de sociologia apresentam uma visão distorcida e reduitiva da relação social. Afirma Donati:

O argumento central é que não podemos explicar a relação social nem na base da ação dos indivíduos, nem na base dos condicionamentos das estruturas: a relação coloca-se noutra ordem de realidade com relação à dos indivíduos que agem (*agency*) e à das operações (os mecanismos) dos sistemas sociais. Nem se trata de conceber a relação como uma ponte entre o indivíduo e o sistema, ou como um *mix* de elementos individuais e sistêmicos, como a grande parte das sociologias a entendem. Trata-se, pelo contrário, de compreender que a relação social é o efeito emergente das interações entre ação e sistema social, que são realidades dotadas de propriedades e poderes próprios (DONATI & COLOZZI, 2006, p.19).

Afinal, o que é relação social? O que significa estar em relação com outras pessoas? O que quer dizer que os fatos sociais são realidades relacionais? “Estas perguntas constituem a porta de entrada a um dos enfoques mais interessantes do panorama sociológico atual” afirma Ruiz (2006) ao apresentar a teoria relacional de Donati aos leitores de língua castelhana.

Para Donati (2008), toda relação implica uma troca, não somente de tipo econômico. Na relação tem origem uma ação recíproca entre sujeitos sociais, que geram ou atualizam um vínculo, que pode ser percebido e experimentado como recurso ou como amarra.



Diversos autores, ao longo do tempo, utilizaram o conceito de relação social para construir suas teorias. Donati (2008) vai passando em resenha Marx e alguns marxistas; a perspectiva positivista de Durkheim; a histórico-compreensiva de Weber; a perspectiva formalista de Georg Simmel e, mais tarde, de Von Wiese; o horizonte da fenomenologia de Husserl e de Alfred Schütz, bem como de Peter Berger e Thomas Luckmann; a perspectiva do interacionismo simbólico de Piaget; a do funcionalismo estrutural de Talcott Parsons; a perspectiva neo-funcionalista comunicacional, com uma atenção maior dada a Niklas Luhmann; a corrente hermenêutica dialógica com observações relativas a Buber e a Habermas.

No presente artigo foram dadas apenas algumas pistas que têm como finalidade despertar a curiosidade para ler as obras de Donati e, ao mesmo tempo, indicar o quadro de referência mais amplo no qual se inscreve a abordagem relacional da família. Donati afirma:

Desde o ponto de vista das ciências sociais, podemos dizer que a relação social é aquela referência – simbólica e intencional - que conecta sujeitos sociais na medida em que atualiza ou gera um vínculo entre eles, isto é, enquanto expressa sua ‘ação recíproca’. Esta consiste na influência que os termos da relação têm um sobre o outro e no efeito de reciprocidade emergente entre eles. (DONATI, 2006a, p. 95)

Trata-se de tomar como objeto de estudo sociológico a mesma relação social, na sua contingência e variabilidade, na capacidade que tem de estabelecer vínculos, construí-los ou dissolve-los, convergindo com outros para realizar algum tipo de intercâmbio, para cooperar ou para conflitar-se. Estar em relação implica a ação de um em relação a outro. *Ego* e *alter* estabelecem uma relação que tem a característica da reciprocidade e por isso se orientam e se condicionam mutuamente mas, além disso, originam uma conexão que Donati considera “*sui generis*, que em parte depende de *ego*, em parte de *alter*, e em parte de uma realidade (efetiva ou virtual) que não depende deles, pois os excede” (DONATI, 2006a, p. 95).

O paradigma relacional, como nova abordagem conceitual da realidade social, foi apresentado pela primeira vez no livro “*Introduzione alla sociologia relazionale*” (DONATI, 1983) que constitui uma espécie de manifesto. O autor parte da consideração que a relação, normalmente, é percebida como uma noção primeira, que não pode ser analisada em si, podendo ser apenas qualificada semanticamente, como sinônimo de contingência e, portanto como um fenômeno que deve ser reconduzido sempre a um suporte: ao indivíduo ou ao sistema. Aqui reside o desafio para compreender a “virada relacional” em sociologia. Donati recusa esta postura que considera a relação como um sub-produto, como um derivado contingente. Ao contrário, ela constitui uma realidade *sui generis*, que pode e deve ser estudada em si e por si, entrando dentro dela, para explicar e compreender os fenômenos sociais como fenômenos relacionais (DONATI & COLOZZI, 2006, p. 20-21).

Esta decisão epistemológica foi sintetizada por Donati com a fórmula “no início está a relação” (DONATI, 1991, p. 25) com a qual toma as distâncias de outras posturas, que colocam “no início”, isto é, como princípio explicativo da realidade social, a ação ou o sistema ou alguma outra coisa. Os teóricos da ação, como Max Weber ou os defensores da *rational choice*, iluminam certamente a relação, mas apenas como projeção daquilo que os indivíduos fazem. Os sistêmicos, como Parsons e Luhmann, elucidam a relação mas somente como expressão do sistema social. Donati (1991) afirma que é necessário iluminar a relação a partir de ambos os



lados, sem porém tratar a relação como uma ponte ou como um *mix* entre os dois lados. O mesmo autor exemplifica estas afirmações com o subsistema da saúde:

Conceber a saúde como relação social implica em analisar como a saúde é gerada nas relações e através das relações sociais, no conflito e na integração entre mundos vitais e instituições sociais, em lugar de considerá-la como condição bio-psíquica individual ou como um coletivo estatístico, ou ainda, como produto de um sistema sanitário (DONATI, 1991, p.21).

Muitas outras publicações seguiram à introdução, nas quais a abordagem relacional foi desenvolvida teoricamente e também no plano da pesquisa empírica. Entre as diversas obras cabe recordar a *Teoria relazionale della società* (DONATI, 1991); *La società é relazione* (DONATI, 1998b); *Invito ala sociologia relazionale* (DONATI & TEREZI, 2006); *Il paradigma relazionale nelle scienze sociali: prospettive sociologiche* (DONATI & COLOZZI, 2006; DONATI, 2006a).

Enquanto ia tecendo um intenso diálogo no ambiente acadêmico internacional, Donati foi redefinindo cada conceito sociológico e cada tema de pesquisa a partir desta nova abordagem, para testar a abrangência e a fecundidade da teoria. Dessa maneira, re-elaborou, no horizonte da sociologia relacional, o conceito de pessoa, os temas da educação, do terceiro setor, da saúde, do *Welfare* e, evidentemente, da família.

REFERÊNCIAS

BADEL, M. et al. Réference au lien familial et accès aux droits sociaux. *Anthropotes*, a. 15, n. 2, 1999.

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Jorge Zahar, 2004.

BECK, U. Was ist Globalisierung? *Irrtumer des Globalismus-Antworten auf Globalisierung*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1998.

COOPER, David. *A morte da família*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

DONATI, Pierpaolo. *Introduzione alla sociologia relazionale*. Milano: Franco Angeli, attualmente alla 6a edizione, 1983.

DONATI, Pierpaolo. *La famiglia come relazione sociale*. Milano: Fraco Angeli, 1989.

DONATI, Pierpaolo. *La società é relazione*. In: Id. (Org). *Lezioni di sociologia. Le categorie fondamentali per la comprensione della società*. Padova: Cedam, pp. 1-54. Primo Rapporto CISF sulla Famiglia in Italia: *L'emergere della famiglia auto-poietica*. Milano: ed. San Paolo, 1998a.

DONATI, Pierpaolo. *Manuale di sociologia della famiglia*. Bari: Laterza, 1998b.



- DONATI, Pierpaolo. *Teoria relazionale della società*. Milano: Franco Angeli, 1991.
- DONATI, P.; TERENCEZI, P. *Invito alla sociologia relazionale*. Teoria e applicazioni. 2º edição, Milano: Franco Angeli, 2006.
- DONATI, P.; COLOZZI, I. (Orgs.) *Il paradigma relazionale nelle scienze sociali: le prospettive sociologiche*. Bologna: Il Mulino, 2006.
- DONATI, Pierpaolo. *Repensar la sociedad*. Madrid: Ediciones Internacionales Universitarias, 2006a.
- DONATI, Pierpaolo. *Manuale di sociologia della famiglia*. Bari: Laterza (Nova edição revisada e corrigida), 2006b.
- DONATI, Pierpaolo; SCABINI, Eugenia. (Orgs.). *Nuovo lessico familiare*. Milano: Vita e Pensiero, 1995.
- DONATI, Pierpaolo. *Família no século XXI: abordagem relacional*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- DUMONT, Jean. *I falsi miti della rivoluzione francese*. Milano: EdF, 1989.
- FURET, François; RICHET, Denis. *La rivoluzione francese*. Bari: Laterza, 1980.
- GÓMEZ, Manuel Herrera. La família relacional de Pierpaolo Donati. In: GALLEGO, José Andrés e ADÁN José Perez (orgs.). *Pensar la família*. Madrid: Ediciones Palabra, 2001.
- GIDDENS, A. *Mundo em descontrolo: o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. *Dialettica do Iluminismo*. Torino: Einaudi, 1976.
- KALOUSTIAN, S. M. *Família brasileira: a base de tudo*. São Paulo: Cortez, 1994.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. La Família, in: *Razza e storia e altri studi di antropologia*. Torino: Einaudi, 1967.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- LUHMANN, Niklas. *Organizzazione e decisione*. Milano: Mondadori, 2005.
- LYOTARD, Jean François. *The postmodern condition: a report on Knowledge*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1983.



XII SEMOC SEMANA DE
MOBILIZAÇÃO
CIENTÍFICA
SEGURANÇA: A PAZ É FRUTO DA JUSTIÇA



PETRINI, João Carlos. Mudanças sociais e mudanças familiares. In: PETRINI, João Carlos e CAVALCANTI, R. S. (Orgs.). Vanessa. *Família, sociedade e subjetividade*. Petrópolis: Vozes, 2005, pg. 29-53.

PETRINI, João Carlos. Relação nupcial, relação ocasional. In: PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA. *Lexicon*. Brasília: Edições CNBB, 2007, pg. 825-835.

RUIZ, Pablo Garcia. Estudio introductório. In: DONATI, Pierpaolo. *Repensar la sociedad, el enfoque relacional*. Madrid: Ediciones Universitarias Internacionales, 2006, p. 09-47

SARTI, Cynthia. Algumas questões sobre família e políticas sociais. In: JACQUE, C.; COSTA, L. (orgs.). *Família em mudança*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2004, pg. 193-213.

SEGUIN, Michel. *A contracepção na Igreja: balanço e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 1997.